

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E MÍDIAS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

INCLUSIVE EDUCATION AND MEDIA: PEDAGOGICAL PRACTICES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Giseli Fregolente Patrinhani

Maria da Graça Mello Magnoni

Milton Vieira do Prado Junior

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Unesp, Bauru

Faculdade de Ciências, Unesp, Bauru

Resumo

Os diferentes meios de comunicação veiculam inúmeras notícias que permeiam o cotidiano dos jovens, onde é comum presenciar, dentro da escola, discussões entre seus pares sobre variadas notícias. Pensando num processo de ensino-aprendizagem que consiga unir esse contexto midiático com a educação inclusiva, focando que a prática inclusiva deve funcionar como elemento impulsionador de uma educação democrática, aceitando, valorizando e respeitando as diferenças, buscamos refletir de forma crítica sobre esse discurso inclusivo midiático, verificando como os educandos estão recebendo e lidando com esse contexto, trabalhando com uma prática pedagógica dialogada nas aulas de educação física escolar. O objetivo foi relatar as experiências de ensinar e de aprender educação física na escola através do uso das mídias. Além disso, provocar criticidade nos jovens diante das mensagens disponibilizadas, impostas pela mídia, provocando questionamentos cotidianamente através das aulas de educação física e, também, promover ações de sensibilização para contribuir na busca por uma educação inclusiva. A metodologia foi pesquisa bibliográfica, pesquisa participante em uma escola pública com quatro turmas dos anos finais do ensino fundamental e pesquisa documental, realizada a partir da análise e avaliação das práticas pedagógicas registradas em diários de aula. Esse trabalho proporciona uma visão de como a educação inclusiva está sendo concretizada no espaço escolar, verificando que é possível gerar um pensamento crítico nos escolares desde que transformemos nossas práticas na escola e o uso das mídias parece ser uma ferramenta potencializadora e necessária na sociedade atual.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Paralimpíadas. Práticas Pedagógicas Inclusivas.

Abstract:

The different media convey numerous news that permeate the daily life of young people, where it is common to witness discussions among their peers about various news items within the school. Thinking about a teaching-learning process that unites this media context with inclusive education, focusing on inclusive practice as a driving force for a democratic education, accepting, valuing and respecting differences, we seek to reflect critically on this inclusive media speech, verifying how the students are receiving and dealing with this context, working with a pedagogical practice dialogued in the school physical education classes. The objective was to report the experiences of teaching and learning physical education in the school through the use of the media. In addition, to provoke criticism in the youths in front of the messages made available, imposed by the media, provoking daily questions through the physical education classes and also to promote awareness actions to contribute in the search for an inclusive education. The methodology was a bibliographic research, participant research in a public school with four classes of the final years of elementary education and documentary research, based on

the analysis and evaluation of pedagogical practices recorded in class diaries. This work provides insight on how inclusive education is being realized in school space, verifying that it is possible to generate critical thinking in students since we transform our practices into school and the use of the media seems to be a potential and necessary tool in today's society.

Keywords: School Physical Education. Paralympics. Inclusive Pedagogical Practices.

1 Introdução

Nos últimos anos, políticas educacionais frente à inclusão estão em alta, onde o discurso de se incluir tem se sobressaído mais do que a prática. Nesta perspectiva, Costa e Meira (2009) apontaram que leis e portarias não são suficientes para garantir o processo de inclusão. Os autores assumem a importância da formação dos futuros profissionais, em diferentes áreas do conhecimento, mais comprometidos com a inclusão e na perspectiva da transformação social.

Na prática, encontramos dificuldades no processo de inclusão desde o início da escolarização, quer seja arquitetônico (GORGATTI, 2005), passando pela formação dos profissionais (AGUIAR; DUARTE, 2005), baixa divulgação de informação na mídia (SCORALICK, 2009) e falta de abordagens inclusivas nos conteúdos pedagógicos desenvolvidos no ambiente escolar (AGUIAR; DUARTE, 2005). Segundo Capellini e Rodrigues (2010a, p. 159), “[...] o trabalho junto a alunos com deficiência na escola comum é algo que podemos considerar relativamente novo, se levarmos em conta o longo período de exclusão escolar que eles viveram durante séculos”. Ainda acrescentam que:

Carregamos uma carga sócio-cultural diante da diferença que justifica atitudes de incoerência entre o discurso e a prática, fruto de concepção equivocada. Em tese, é fácil adotar o discurso do direito à educação para todos, porém, na prática, às vezes, falta-nos a segurança que deveríamos ter (CAPELLINI; RODRIGUES, 2010a, p. 159).

Essa temática ainda é muito desafiadora, possuidora de muitos entraves. Pensando no contexto midiático, há também uma grande ênfase dos meios de comunicação para com esse tema, mas notamos que ainda há muito o que se fazer para que realmente seja colocado em prática. Scoralick (2009), efetuando uma análise do que foi vinculado nos telejornais no Dia Internacional da Síndrome de Down comemorado no dia 21 de março, verificou que reportagens foram realizadas em nível Nacional e Estadual, valorizando o processo de inclusão na sociedade, em especial, no mercado de trabalho e no sistema escolar. Porém, a autora relata que em nível regional e local dos telejornais, em cidades de menor porte, a temática não surgiu denotando que o processo não ocorre de forma semelhante em diferentes contextos.

No cotidiano escolar, verificamos a grande influência que a mídia exerce nos jovens. Segundo Martino (2014, p. 248) “[...] os meios de comunicação são um

dos principais, senão o principal, intermediário entre os indivíduos e o mundo”. Os diferentes meios de comunicação veiculam inúmeras notícias que permeiam o cotidiano dos estudantes. É comum presenciar dentro da escola discussões entre seus pares sobre variadas notícias, muitas vezes, até se tornam empecilhos para o bom andamento das aulas, pois se preocupam mais em comentar sobre o conteúdo midiático do que em prestar atenção no conteúdo da aula do professor.

Segundo Betti (1998), é função da Educação Física preparar os alunos para analisar criticamente as informações que recebe dos meios de comunicação sobre a cultura corporal de movimento. Analisando os conteúdos ideológicos ensinados/veiculados através das mídias, a questão que surge é: como construir entre os jovens uma análise crítica dos conteúdos veiculados pelas mídias através das aulas de Educação Física?

Pensando num processo de ensino-aprendizagem que se consiga unir esse contexto midiático com a Educação Inclusiva, focando que a prática inclusiva deve funcionar como elemento impulsionador de uma educação democrática, aceitando, valorizando e respeitando as diferenças, buscamos, neste estudo, refletir de forma crítica sobre esse discurso inclusivo midiático, verificando como os educandos estão recebendo e lidando com esse contexto, trabalhando com uma prática pedagógica dialogada nas aulas de Educação Física escolar.

Freire (2000, 2007) defende uma educação crítica através do diálogo. Trabalhando com círculos de cultura podemos buscar o conteúdo programático do processo educativo (temas geradores) e assim também desenvolver as aulas, se opondo a educação “bancária” onde o conteúdo é depositado nos educandos, mas sim buscando a práxis, ação e reflexão dos educadores e educandos sobre sua realidade para transformá-la.

Para Capellini e Rodrigues (2010b, p. 46):

A educação inclusiva, então, é um processo em que se amplia a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam a diversidade de alunos, inclusive aqueles com deficiência. É uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos.

Pesquisas atuais mostram que existem tendências de aceitação à inclusão de pessoas com deficiência na sociedade e no sistema escolar, mas também mostram que faltam informações sobre as condições dessas pessoas, sobre avaliação, sobre práticas pedagógicas (CAPELLINI; RODRIGUES, 2010b). Esse trabalho proporciona uma visão de como a educação inclusiva está sendo concretizada no espaço escolar, dentro das aulas de Educação Física, utilizando-se das mídias. Ao invés de focalizarmos as deficiências nas pessoas, no sentido de tentar adaptá-las à escola, buscamos um processo

que enfatize o ensino e a aprendizagem de todos dentro da escola. Ressaltando o exposto em Capellini e Rodrigues (2010b, p. 43), “ao invés do aluno ajustar-se aos padrões de “normalidade” para aprender, a escola deve ajustar-se à “diversidade” dos seus alunos”. Esperamos apontar um caminho para a educação inclusiva escolar frente as perspectivas para o século XXI.

2 Objetivos

O objetivo foi relatar as experiências de ensinar e de aprender Educação Física na escola através do uso das mídias, pautadas em uma prática pedagógica dialogada. Além disso, provocar a criticidade nos jovens diante das mensagens disponibilizadas, impostas pela mídia, provocando questionamentos cotidianamente através das aulas de Educação Física e, também, promover ações de sensibilização para contribuir na busca por uma educação inclusiva.

3 Método

Iniciamos a pesquisa bibliográfica com temáticas que envolvem a relação entre a educação, práticas educativas inclusivas, educação física e os recursos tecnológicos digitais e midiáticos. A intenção em desenvolver os estudos a partir das questões que se colocam à realidade escolar cotidiana, levou-nos à opção pela pesquisa participante em aulas de Educação Física numa escola pública estadual de Bauru/SP, com quatro turmas dos anos finais do ensino fundamental (8º anos A e B e 9º anos C e D).

A pesquisa documental, realizada a partir da análise e avaliação das práticas pedagógicas registradas em diários de aula, disponibilizou descrição dos fatos cotidianos como fonte direta para a pesquisa (ZABALZA, 2004). Os diários foram submetidos a uma análise qualitativa, versando sobre as práticas pedagógicas e suas perspectivas, sobre os temas derivados das discussões com base nas notícias do evento Paralimpíadas Rio 2016 e sobre as possibilidades de reflexão a partir dos temas geradores.

Utilizamos para esse artigo oito aulas de Educação Física de cada turma, as quais são distribuídas em aulas duplas semanais, que foram concomitantes com o período dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 (mês de setembro). Os membros da comunidade escolar, participantes da pesquisa, demonstraram interesse em acompanhar o evento que estava sendo realizado nas terras brasileiras. Seguimos a trajetória consecutiva de trabalhar com as metodologias de: pesquisas feitas em diversos meios de comunicação, trabalho individual/grupal, roda de conversa e vivências (dinâmica de grupo “rótulos” e modalidades esportivas paralímpicas). As aulas foram registradas em forma de diários (ZABALZA, 2004), que usamos como fonte para embasar os resultados e discussões a seguir.

4 Resultados e discussões

Iniciamos com uma pesquisa na sala de informática da escola sobre os Jogos Paralímpicos: sua origem, símbolo, modalidades esportivas, países participantes, paraatletas famosos, etc. Esta atividade tinha como meta envolver os educandos em assuntos com a temática de pessoas com deficiência, também oportunizando a eles conhecer exemplos de superação através do esporte.

Os recursos disponibilizados pela escola foram a TV aberta, mas como não estava passando as Paralimpíadas nos horários das nossas aulas, não utilizamos na escola, os educandos somente assistiram em casa. Além disso, consultaram também o Jornal da Cidade, que fica um exemplar exposto na biblioteca e outro no pátio da escola, com livre acesso para os educandos, e a sala de informática da escola que possui oito computadores disponíveis, mas só poderiam ser utilizados com agendamento prévio e acompanhamento do professor. Como alguns educandos possuíam celulares com acesso à internet, também utilizamos desse recurso para nossas pesquisas.

A maioria dos educandos usou a busca do Google, também foi indicado para eles o site oficial dos Jogos (www.rio2016.com). Eles deveriam organizar os registros das pesquisas em casa para, posteriormente, ser feita uma roda de conversa em aulas posteriores, para então entregar os trabalhos, que poderiam ser individuais ou em grupo.

Durante a pesquisa, ouvimos questionamentos dos educandos sobre como era a prática esportiva por pessoas com deficiência, que foi relatado como segue:

[...] O Luiz, quando estava pesquisando sobre as modalidades, perguntou “mas como tem futebol para cego, como eles jogam?” e o João disse que tinha sim e que a bola fazia barulho para ajudar, [...] o João comentou do futebol de 5 e de 7 também, explicando para o Luiz, pois ele já havia acabado a pesquisa dele e o ajudou. O Luiz ficou surpreendido e comentou que deve ser muito difícil jogar sem enxergar. Temos um cadeirante nessa turma, o Daniel, e eu percebi que ele ficou bem entusiasmado com o basquete em cadeira de rodas. [...] (Diário 01 - 9º C)

Também houve comentários sobre o acesso às notícias sobre o evento, como segue abaixo:

[...] Ouvi comentários sobre não estar passando as Paralimpíadas na TV, eu expliquei que infelizmente na TV aberta não estava passando como foi nos Jogos Olímpicos, alguns alunos comentaram que na SporTV estava passando, TV por assinatura, muitos disseram que não tem, mas eu comentei que uma alternativa seria a internet, o jornal, etc. [...] Um grupo que ficou sem computador e tinha celular com internet ficou pesquisando na mesa. [...] (Diário 01 – 9º D)

Verificamos colaboração entre seus pares a fim de aumentar o acesso à informação, como nas orientações sobre busca de informações referentes ao tema e iniciativas de sanar dúvidas ocorridas nesse processo.

Na aula da semana posterior, fizemos uma dinâmica de grupo chamada “Rótulos”, onde foi escrito vários tipos de deficiência e foi colado papéis nas costas dos educandos.

Foi explicado que ninguém poderia contar o que estava escrito nas costas do colega, todos poderiam ver de todos, menos o que estava nas suas próprias costas. Foram fornecidos dois minutos para a turma, deveriam se organizar para atribuir funções para todos, com o objetivo de organizar uma festa de formatura, quem iria ser o garçom, o recepcionista, o DJ, o cozinheiro, fotógrafo, etc., e deveriam escrever na lousa os resultados.

Em todas as turmas, houve alguns educandos que queriam contar o que estava escrito nas costas do colega, foi necessário chamar à atenção para não contarem. Muitos educandos já iam se candidatando aos cargos enquanto outros ficavam quietos esperando os colegas atribuírem funções a eles. Foi perguntado sobre qual foi a sensação de ter um rótulo colado nas costas e outros olhando e comentando:

[...] A maioria que se manifestou disse que ficaram curiosos, que queriam saber o que estava escrito, somente a Anna Laura disse que foi estranho. [...] (Diário 02 – 8° A)

[...] Alguns alunos olhavam nas costas dos colegas e riam, alguns faziam caras de preocupação. [...] Alguns disseram que se sentiram mal, outros estranho, quando a Maria Eduarda disse que se sentiu mal, o Henry disse que ela quis bater nele no recreio porque ele tinha tirado sarro dela, ela fez com a cabeça que era verdade e riram. [...] (Diário 02 – 8° B)

[...] A Julia comentou ironicamente que se sentiu bem em colegas olharem e rirem dela, a maioria disse que ficou curioso em saber o que era e o porquê da dinâmica. [...] (Diário 02 – 9° C)

[...] a Yasmim não queria participar, falei que era uma dinâmica educativa, que todos deveriam participar, o Lucas também não queria, mas deixaram colar, o Washington reclamou que iria estragar a camisa dele, o durex, não queria, mas consegui convencê-los a participar. Alguns alunos olhavam para as costas dos colegas e riam, percebi que alguns estavam contando para estragar a dinâmica e olhei para esses alunos meio brava. [...] (Diário 02 – 9° D)

Podemos verificar um pré-conceito formado pelos educandos, com opiniões e julgamentos sobre a incapacidade das pessoas com deficiência, desvalorizando-as e desrespeitando-as. Com base em Capellini e Rodrigues (2010b), quando fazemos generalizações superficiais e distorcidas, julgando todos os membros de um grupo que apresentam características comuns, estamos criando estereótipos. Julgar alguém sem realmente conhecê-lo é uma prática preconceituosa.

Foi questionado qual o critério que utilizaram para atribuir as funções:

[...] disseram que foi de acordo com a deficiência colada nas costas para “zoar”. Por exemplo, o Stefano não tinha as mãos e era garçom, o Mateus era mudo e era recepcionista, e fomos discutindo sobre as deficiências e atribuições [...] (Diário 02 – 8° A)

[...] Fui mostrando as atribuições dadas aos colegas e comparando com as suas deficiências, houve comentário do tipo “não dá para ser”, “como ele vai fazer”, muitas risadas, por exemplo, a Beatriz e o Gabriel iriam ser os dançarinos da festa, mas a Beatriz não tinha os pés e o Gabriel não tinha uma perna, eram amputados, o Lucas ia ser o fotógrafo mas ele era cego, o Patrick ia ser o segurança, mas era surdo e mudo.

[...] (Diário 02 – 8° B)

[...] quando atribuíram a função de fotógrafo para o Brayan que estava sentado esperando, ouvi o João dizendo “não dá, ele é cego”, mas mesmo assim colocaram [...] Quando comentávamos sobre, por exemplo, o Brayan ser fotógrafo e cego muitos alunos riram, como também o Daniel e Samuel serem cozinheiros amputados, sem mãos ou um braço. (Diário 02 – 9° C)

[...] o que mais chamou a atenção foi a Mayara ser fotógrafa e cega, a Ana Laura ser DJ e cega, a Ricielly ser garçonete e surda, se percebia risos entre os colegas. [...] (Diário 02 – 9° D)

Foi frisado com os educandos que existem pessoas com diversas dessas funções que possuem deficiência sim, dando exemplos de conteúdos como documentários sobre fotógrafos cegos, a abertura das Paralimpíadas que teve a participação de uma atriz, atleta e dançarina que não tinha as pernas e fez uma *performance*, entre outros, e foi percebendo-se uma mudança de expressão no rosto dos educandos. Com toda essa disponibilidade de informações que temos hoje em dia, devido aos avanços tecnológicos, podemos perceber que os educandos têm uma “bagagem” maior sobre os limites das pessoas com deficiência, deixando a desejar o acesso às possibilidades. Vemos aí a necessidade da intervenção escolar para dar um novo direcionamento para essa questão, e indicamos que, nada melhor do que o diálogo para conhecermos mais uns aos outros.

Foi perguntado sobre qual conclusão eles chegaram para finalização da roda de conversa sobre a dinâmica:

[...] O Yuri disse que “as pessoas com deficiência são iguais a nós, até fazem coisas melhores”, a Anna Laura disse que “não devemos julgar as pessoas” e a Bia comentou sobre o poder do querer, da força de vontade, “se elas gostam e querem fazer, elas conseguem”. (Diário 02 – 8° A)

[...] O José disse que temos que dar uma chance para as pessoas, os outros alunos concordaram. [...] (Diário 02 – 8° B)

[...] a Bheatriz disse “todo mundo consegue fazer o que quiser” e o William disse “a gente tem que parar de reclamar da vida”. [...] (Diário 02 – 9° C)

[...] a Ana Laura disse “nada é impossível, se você tem força, você consegue, a Yasmim disse “tudo é possível”, o João Pedro disse “o meio de adaptação do ser humano é muito alto” e a Paula disse “deficiência não importa, você só tem que fazer o melhor para atingir seu objetivo”. [...] (Diário 02 – 9° D)

Notamos, através dessa dinâmica e roda de conversa que, inicialmente, os educandos tinham uma visão estereotipada para com as pessoas com deficiência, mas através dos diálogos ocorridos, troca de experiências, houve uma mudança da visão dos educandos, não só para com as pessoas com deficiência, mas a todos igualmente.

Foi especulado sobre qual esporte paralímpico queriam vivenciar:

[...] o Lucas disse o futebol de 5, eu perguntei mas como adaptar para nós, ele disse que podemos vendar os olhos, amarrar os braços para jogar, alguns alunos concordaram, ouvi alguém dizer o goalball, eu expliquei sobre o goalball, o José comentou rindo,

nesse vou ser excluído, eu sou grande, vou tampar o gol inteiro, e riram, o Lucas disse o vôlei, eu complementei, “o vôlei sentado?”, ele disse “é”. [...] (Diário 02 – 8º B)

Foi pedido para que os educandos acompanhassem o andamento dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 por qualquer meio de comunicação, à escolha deles, e trouxessem documentado para discussão em aula. Na aula da semana posterior, realizamos uma roda de conversa sobre as pesquisas realizadas e discutimos sobre os acontecimentos dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. A grande maioria dos educandos não trouxeram as notícias documentadas, então foi perguntado oralmente sobre as notícias marcantes.

[...] 7 alunos disseram que nada os marcou sobre os jogos Paralímpicos, pois não acompanharam, 6 alunos citaram os jogos de futebol de 5, frisando o espanto em ver cegos conseguirem jogar futebol, 4 alunos citaram os jogos de basquete em cadeira de rodas, 3 citaram a cerimônia de encerramento das Paralimpíadas, 1 aluna citou o Atletismo (corrida com cadeiras de roda) e 1 aluno citou que foi a cena onde o paratleta Clodoaldo da natação acendeu a pira paralímpica na cerimônia de abertura, achou emocionante as escadas irem virando rampas para ele subir com a cadeira de rodas. [...] (Diário 03 - 8ªA)

[...] 11 alunos disseram que foi a notícia sobre a morte do ciclista iraniano no ciclismo de rua, 7 alunos disseram que nada os marcou, pois não acompanharam, 4 alunos citaram a abertura das Paralimpíadas, com ênfase na cena de um cadeirante fazendo manobras numa rampa e 2 alunos citaram os recordes do atleta da natação Daniel Dias. [...] (Diário 03 - 8º B)

[...] 13 alunos disseram que nada os marcou dos Jogos, 6 alunos citaram o futebol de 5, 4 alunos citaram o desempenho do nadador Daniel Dias e 4 alunos citaram a morte do ciclista iraniano. [...] (Diário 03 - 9º C)

[...] 14 alunos disseram que nada os marcou sobre os jogos, dizendo que não haviam acompanhado, 7 alunos citaram a morte do ciclista iraniano, 2 alunos citaram o desempenho do nadador Daniel Dias e 2 alunos citaram o número de medalhas do Brasil nas Paralimpíadas, que foi mais expressivo do que nas Olimpíadas. [...] (Diário 03 - 9º D)

O fato mais citado pelos educandos foi que nada os havia marcado nos jogos paralímpicos, então foi questionado o porquê de isso ter ocorrido:

[...] a Karen disse que “não passou muito na TV”, o Stefano disse que “o que eles tinham que mais dar atenção não deram”, eu perguntei por que deveriam dar mais atenção, ele disse que lá haviam histórias de superação, que era mais difícil para pessoas com deficiência, a Anna Laura disse que depende, perguntei do que dependia, A Anna disse “das modalidades”, o Yuri disse “do tipo de deficiência”, o Matheus disse “os caras não tem perna e quer jogar bola”, eu pedi para ele explicar melhor, ele comentou que demora mais para adaptar, eu reforcei que era preciso então um período de adaptação, mas levei-os a pensar se era somente as pessoas com deficiência que precisavam disso ou todas as pessoas, concluíram que eram todas, fechamos então que a questão essencial era a adaptação as mudanças e que qualquer pessoa passa por isso. [...] (Diário 03 – 8º A)

[...] o Samuel, o Vitor e o William comentaram que foi “porque não teve mídia”, “pouca mídia”, o Luiz disse que “não passou na TV aberta”, eu comentei sobre a TV Brasil que também estava transmitindo alguns jogos ao vivo, mas os alunos não sabiam, também chamei a atenção que a escola disponibiliza o Jornal da Cidade, deixa exposto no pátio para quem quiser ler, mas ninguém citou esse meio de comunicação,

perguntei o porquê, o Luiz Fabiano comentou “ler o jornal de vez em nunca” e alguns alunos deram risada, chamei a atenção deles para que aproveitassem as oportunidades que a escola disponibilizava. Perguntei por que aquelas notícias haviam chamado a atenção, o Luiz Fabiano disse “jogador jogou no meio das pernas do goleiro, e o goleiro enxerga”, se referindo ao futebol de 5. [...] (Diário 03 - 9º C)

[...] A Giulia disse “porque ninguém assistiu”, a Ricielly disse “não passou na televisão”, o Guilherme complementou “não passou na TV aberta”, a Sara citou a palavra “desinteresse”. [...] (Diário 03 - 9º D)

Seguimos a ideia de Freire (2007, p. 139), onde ele ressalta que é importante, para um processo educativo libertador, que “os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros”.

Foi percebido pelos educandos a diferença de tratamento pelos diversos meios de comunicação entre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, e os argumentos levantados por eles foram que:

[...] a Anna Laura disse “porque dão mais importância as Olimpíadas”, perguntei quem dava mais importância, o Gabriel disse “as mídias”, perguntei por que isso ocorria, a maioria disse que não sabia, perguntei se eles sabiam como funcionava a geração de renda dos meios de comunicação, o João Vitor disse que vinha do Silvio Santos, eu expliquei que o Silvio Santos era dono de uma emissora de TV, o SBT, mas fui questionando sobre quem era que sustentava financeiramente esses meios de comunicação, o Stefano disse “a audiência” e o Yuri disse “os patrocinadores”, então eu expliquei que os patrocinadores investiam nos meios de comunicação para divulgação de sua marca e a audiência era o que sustentava isso, no sentido de que os meios que tinham mais audiência era o objeto de desejo dos patrocinadores. [...] (Diário 03 - 8º A)

[...] Chamei atenção sobre a quantidade de votação no “nada”, por que disso, o Lucas e Guilherme disseram “porque quase ninguém assistiu”, o José disse “porque não tinha jogador que enfatiza tanto como na Olimpíada”, a Julia e a Beatriz comentaram que não tinha muito interesse em se cobrir as Paralimpíadas, o Lucas comentou que isso é um preconceito, não dar tanta importância as Paralimpíadas, ele comentou que a TV Globo cobriu toda a Olimpíada mas a Paralimpíada não, e voltamos as discussões de que havia interesse, comentaram que não dava lucro, o Henry até citou que o público quase equiparou com as Olimpíadas, mas eu chamei a atenção de que os valores dos ingressos eram mais acessíveis nas Paralimpíadas do que nas Olimpíadas. [...] (Diário 03 - 8º B)

[...] O Samuel voltou ao tema de pouca visibilidade das Paralimpíadas, comentando que havia desigualdade social, o Vitor disse em seguida “simples motivo: dinheiro”, a Bheatriz citou a palavra “bullying”, concordaram que foi dado menos importância para as Paralimpíadas, discutimos sobre a questão da relação audiência/patrocinadores/mídias. [...] (Diário 03 - 9º C)

[...] O Guilherme e a Yasmim comentaram que a Paralimpíada não foi tão divulgada como a Olimpíada. A Giulia disse “só porque são deficientes, ninguém quer assistir” com um tom de indignação, e o Gabriel comentou que não gostam de “ver pessoas sofrendo, fazendo esforço”, a Sara citou a palavra “preconceito”. Eu comentei que nas Olimpíadas os atletas também sofrem e fazem grandes esforços, assim como nas Paralimpíadas e que muitos paraatletas tiveram resultados melhores do que atletas das Olimpíadas, ouvi alguns alunos concordando, dizendo que era verdade, balançando a cabeça afirmativamente. Comentei sobre a questão da escola disponibilizar o Jornal

da Cidade no pátio para os alunos mas ninguém o citou na nossa conversa, perguntei por quê, a Giulia disse “ninguém tem interesse por jornal”. Eu comentei sobre a importância de diferenciar os meios de comunicação, que haviam alguns interesses por trás dos donos de alguns meios de comunicação e que não era interessante focar só em um porque não teriam uma abrangência de ideias, que deveriam diversificar e fechamos na importância de se verificar vários olhares, de ter acesso aos diferentes meios de comunicação. [...] (Diário 03 - 9º D)

Segundo Freire (2000, p. 114):

Acontece, porém, que a toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação.

Foi perguntado para os educandos o que poderia ser feito para mudar esse paradigma constatado pela turma:

[...] o Alexandre disse que poderíamos ter ido nas Paralimpíadas e gravar imagens, fazer um canal no *youtube* e divulgar, eu comentei que para isso era necessário dinheiro, até comentei que eu gostaria muito de ter ido mas que não tinha condições financeiras para isso, o João comentou que haviam pessoas que queriam ir nos Jogos no Rio de Janeiro mas não foram por medo de terrorismo, disse que conhecia um cara que ia mas desistiu por isso, comentei que esse medo poderia ser devido à situações atuais que verificaram pelas mídias sobre esse contexto, o Guilherme falou que poderíamos seguir famosos, que foram nas Paralimpíadas, pelas redes sociais e compartilhar, eu perguntei por quais lugares, ele disse “pelo facebook, instagram e snapchat, por exemplo”. Pedi para que pensassem sobre as possibilidades dentro da escola, o Gabriel disse a sala de informática como havíamos usado para pesquisa, perguntei se eles tinham acesso quando quisessem, disseram que somente vão quando um professor reserva para a aula, mas o Gabriel também disse que na biblioteca tem o Jornal da Cidade, eu lembrei da Emily que havia dito que acompanhou pelo Jornal da Cidade e perguntei se ela havia visto na escola ou em casa, ela respondeu “na minha casa”. Frisei que haviam vários meios de comunicação para se ter notícias e que depende de nós procurarmos. [...] (Diário 03 - 8º A)

[...] o José disse “incentivo à leitura”, eu perguntei se os professores da escola não faziam isso, eles disseram que sim, mas que faltava vontade por parte dos alunos, o Lucas comentou sobre ter acesso ao Jornal da Cidade na escola, eu aproveitei para comentar que mesmo a escola disponibilizando o Jornal da Cidade, ele não foi citado por nenhum aluno da sala, que ninguém o procurou para saber sobre notícias dos jogos, percebi uma mudança na feição de alguns alunos, como se tivessem interiorizado que tinham oportunidade mas que deixavam passar. [...] (Diário 03 - 8º B)

[...] O Samuel fez dois comentários “ter mais mídia” e “deixar questão social de lado”, o William disse “emissoras maiores, tipo Band, Globo, Record, deveriam dar mais importância”, o Luiz Fabiano disse “deixar o preconceito de lado”, pedi para explicar melhor, ele explicou sobre nivelar a importância, como por exemplo, o futebol e o futebol de 5. A Bheatriz disse “dar mais importância para os atletas paralímpicos”. Perguntei para a turma como viabilizar isso que eles apontaram, o Vitor disse “ter mais propaganda, investir em mais divulgação” e o William disse que se deveria ter a oportunidade de mais experiências, vivências, relacionadas aos esportes paralímpicos e o Luiz Fabiano complementou “sentir na pele como é a deficiência”. Comentei que eu havia planejado para a próxima aula atividades relacionadas à isso, eles ficaram contentes. [...] (Diário 03 - 9º C)

Trazendo a ideia dos educandos, “a televisão é, sem dúvida, um poderoso meio para acelerar a incorporação das subculturas esportivas à cultura esportiva dominante” (BETTI, 1998, p. 122). Esta perspectiva parece dominar em relação a obtenção de informação pela população em geral conforme aponta Scoralick (2009). Tal fato pode ser melhor exemplificado nos relatos dos educandos abaixo.

[...] A Giulia disse “temos que ficar mais informados” e disse também “ver mais TV e sair do facebook”, a Michely disse “respeitar os deficientes”, eu comentei que haviam diversas nomenclaturas, “pessoas com necessidades especiais, pessoas com deficiência” e que existiam diversas deficiências, daí o Guilherme foi citando algumas “física, visual, mental”, eu disse “intelectual”, então ele disse que o certo era falar então “pessoa com deficiência visual por exemplo”, eu disse sim, que seria o ideal ao invés de dizer “o deficiente”. A Giulia e o Guilherme comentaram que a Paralimpíada devia ter passado em canais de maior expressão, perguntei quais, responderam “Globo, Record, Band, SBT”, o Guilherme disse que “deveriam dar mais atenção para pessoas que realmente merecem” e o João Pedro disse que se devia “respeitar o estilo de vida de qualquer pessoa”, eu comentei que qualquer pessoa tem potencialidades e dificuldades e a Giulia disse que “não devemos ligar pra opiniões que não levam pra frente”. [...] (Diário 03 - 9º D)

Esses relatos nos levam à raiz do pensamento de Betti (1998, p. 45), onde cita que “a postura do homem de cultura diante do novo meio deve ser a de reconhecer as possibilidades culturais da televisão e compreender a necessidade de integrá-la numa função de denúncia e convite à discussão”, e ele ainda complementa que isso “exige, sem dúvida, uma ação política consciente”.

Sobre os meios de comunicação que utilizaram para pesquisa, os educandos citaram: 8º A, a internet (sites como globo.com, g1 e a rede social facebook), o Jornal da Cidade, TV (Globo e SporTV); em relação ao 8º B, comentaram que ninguém viu a Paralimpíada ao vivo como aconteceu na Olimpíada, onde até na escola chegaram a assistir, mas viram notícias pela internet e nos noticiários das TVs (Fox e Globo); sobre o 9º C, responderam internet (facebook e site do evento) e TV Globo; no 9º D citaram a TV (SporTV e ESPN) e a internet (facebook e alguns sites que não lembravam o nome).

O esporte que mais se destacou nos relatos foi o futebol de 5. Não é de se admirar, pois o futebol, desde a muito tempo é o carro chefe da mídia brasileira (GIGLIO, 2007). Sobre a relação de eventos esportivos/mídia/práticas esportivas, Tubino (1999) comenta que geralmente depois de um evento, como as Olimpíadas, cresce o número de participantes das modalidades que foram mais divulgadas pela mídia. Segundo Mello e Winckler (2012, p. 115),

Não há como negar a influência do fenômeno futebol para o desenvolvimento dessa prática esportiva também para as pessoas com deficiência visual. O peso dessa influência pode ser demonstrado pela busca das próprias pessoas com deficiência visual, por adaptações ao jogo de futebol, antes mesmo da regulamentação da modalidade.

Escolhemos vivenciar a corrida com guia e o futebol de 5, pela facilidade em praticar essas modalidades dentro da escola. Na aula da semana posterior, fizemos as vivências das duas modalidades esportivas: o atletismo (corrida com guia) e o futebol de 5, a fim de, além de conhecer modalidades esportivas paralímpicas, vivenciar as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência nas ações do cotidiano. Para finalizar, fizemos uma roda de conversa para *feedback* das experiências durante esse processo educativo.

Primeiramente foi feito um alongamento, depois foi solicitado que se organizassem em duplas, onde um seria cego e o outro o guia. Foi disponibilizado pedaços de tecidos coloridos para que vendassem os olhos, e teve um período de adaptação antes da atividade, os educandos podiam experimentar andar pela quadra com a venda antes da corrida em si. A seguir organizamos todos numa linha da quadra para a corrida, onde os guias davam as assistências necessárias e deveriam correr de mãos dadas ao sinal do apito, foi orientado que os guias não podiam soltar as mãos, deveriam continuar toda a atividade de mãos dadas. Invertemos a atividade, o guia ia ser cego e o cego ia ser o guia e repetimos os mesmos exercícios. Após a vivência da corrida com guia, foi distribuído mais vendas para iniciarmos o futebol de 5. Para adaptarmos a atividade à escola, colocamos duas sacolas plásticas na bola de futsal para fazer barulho. Os educandos se organizaram referente aos times, sobre as posições, quem iria ser goleiro, guia, etc.

Sobre o comportamento dos educandos nas vivências, podemos relatar que:

[...] demoramos para iniciar o jogo, muitos alunos não prestavam atenção nas orientações sobre o futebol de 5, ficavam com brincadeiras de trombar de propósito, andar para todos os cantos da quadra, demorou para conseguir reunir todos e iniciar o jogo. Percebi que alguns alunos não respeitavam a regra de olhos vendados durante o jogo, o Gabriel tirava a venda para olhar e os colegas reclamavam dele, eu tinha que pedir a todo momento para ele vendar os olhos, o Pedro acabou fazendo o mesmo que o Gabriel. [...] (Diário 04 - 8º A)

[...] Percebi que a maioria dos alunos estava atenta tentando andar pela quadra, um pouco inseguros, andando lentamente, mas com o passar da aula, foram se soltando. [...] (Diário 04 - 8º B)

[...] Uma dupla acabou soltando a mão e a cega dessa dupla acabou caindo, depois reforcei que os guias não podiam soltar as mãos, deveriam continuar toda a atividade de mãos dadas. Os alunos estavam bem empolgados com o jogo, e percebi que alguns estavam mais preocupados em conseguir se locomover do que em chegar perto da bola. [...] (Diário 04 - 9º C)

[...] Os alunos estavam bem empolgados com o jogo, percebi que não estavam apresentando dificuldades. Durante o jogo, dois alunos trombaram batendo a cabeça no nariz do outro, daí eles sentaram um pouco até melhorarem. [...] (Diário 04 - 9º D)

As vivências foram significativas para os educandos e eles estavam, cada um a seu tempo, se adaptando às novas situações propostas. Foi notado motivação por parte deles para experimentar essas novas situações, constatando-se desafiadoras. Foi perguntado a opinião dos educandos sobre as vivências, como segue:

[...] A maioria comentou que achou mais difícil o futebol de 5 do que a corrida com guia, já o Yago achou a corrida mais difícil. Perguntei porque a maioria achou o futebol de 5 mais difícil, o Lucas disse “já tem gente que não consegue controlar a bola, imagina cego então”, o João disse “a bola é estranha”, se referindo a nossa adaptação de colocar sacos plásticos na bola para fazer barulho e a Beatriz disse “dava pra escutar onde a bola tava”. [...] (Diário 04 - 8º A)

[...] A turma comentou que o futebol de 5 foi mais difícil do que a corrida com guia, o Guilherme disse “trombei com a cara”, o Vinicius disse “o mais difícil foi ver” e houve vários risos da turma. [...] (Diário 04 - 8º B)

[...] O João Vitor disse que “a corrida foi mais difícil, deu medo”, o resto da turma achou que o futebol de 5 foi mais difícil que a corrida. A Beatriz comentou que no final da corrida foi diminuindo a velocidade por medo de trombar. [...] (Diário 04 - 9º C)

[...] No caminho para o pátio, a Maria Eduarda comentou que “é duro ser cego”. [...] A turma comentou que o futebol de 5 foi mais difícil do que a corrida. A Sara disse “um monte de gente gritando, não escutava a bola, tinha que fazer silêncio”. O Gabriel disse “vão me processar por assédio, relei na bunda de umas par de menina”, mas eu perguntei se foi sem intenção, ele disse que sim, que foi sem querer. A Sara disse “foi ruim, eu tinha a sensação que ia bater na parede”. [...] (Diário 04 - 9º D)

As vivências disponibilizaram aos educandos a oportunidade de “sentir na pele”, como um dos educandos mesmo citou, como é ter uma deficiência. Se colocar no lugar de outra pessoa, tentar entender como é ser o outro, incorpora o leque de possibilidades para se compor uma sociedade mais inclusiva.

Foi perguntado para todas as turmas se as adaptações de materiais funcionaram e se as atividades atenderam às expectativas deles, e o retorno foi positivo.

[...] Perguntei se deu certo as adaptações que fizemos com os materiais, responderam que sim. Perguntei se as atividades atenderam às expectativas deles, responderam que sim, o José disse “até superou um pouquinho”, eu pedi para explicar melhor, ele disse “eu achava que era difícil, mas não tanto”, o Henry disse “até que eles jogam bem por ser cegos”, se referindo aos paraatletas. [...] (Diário 04 - 8º B)

[...] Perguntei sobre as adaptações dos materiais que fizemos, se havia funcionado, o Kaique disse que não dava para ouvir a bola e o Guilherme disse que acha que “a sacola foi até melhor que a bola oficial”. [...] (Diário 04 - 9º D)

Para finalizar, construímos um resumo das considerações feitas em aula, possibilitando uma melhor visualização de onde partimos e onde chegamos. No 8º ano A os resultados das aulas foram resumidamente: a maioria disse que nada os marcou na Paralimpíada, comentaram que o futebol de 5 chamou a atenção, dificuldade de ser cego, superação, e concluíram que faltou a mídia dar mais atenção, comentaram sobre preconceito e da importância de variar as mídias e da possibilidade de nós sermos produtores de conteúdo. No 8º ano B, o que chamou mais a atenção foi a morte do ciclista iraniano, comentaram que tragédias chamam a atenção, que não é normal num evento como esse, que faltou investimento e mais notícias na mídia sobre a Paralimpíada e concluíram que deveria haver mais incentivo à leitura e variar mais os meios de comunicação. No 9º ano C, a maioria disse que nada os marcou dos jogos, houve falta

de interesse da maioria dos educandos, comentaram que a mídia não divulgou como fez com as olimpíadas, faltou investimento e a proposta da turma era que devia investir mais e haver meios de sensibilização, como disponibilizar vivências no contexto das deficiências. No 9º ano D, a maioria disse que nada os marcou dos jogos, houve falta de interesse da maioria dos educandos, comentaram que a mídia não divulgou como fez com as olimpíadas, citaram a questão do preconceito e o fechamento foi de variar os meios de comunicação e a importância de se trabalhar com o tema respeito.

Com relação ao uso das mídias a fim de uma educação inclusiva, o olhar do professor é essencial para dar um direcionamento para essas questões, pois como relata Betti (1998, p. 147-148),

[...] os profissionais da educação física são atores sociais vivos, que constroem, mantêm e alteram significados sobre a educação física, sobre si próprios e sobre o esporte. [...] A televisão amplifica estes estereótipos, é certo, mas eles refletem crenças e valores da sociedade que são mutáveis. Devemos, portanto, sempre considerar a possibilidade da mudança e manter vivos os contra-estereótipos: não somente dinheiro e medalhas como recompensa, mas também o prazer intrínseco de participar; não só rivalidade, mas cooperação no confronto com outro ser humano; não apenas o rendimento máximo do superatleta, mas o ótimo das pessoas comuns. Na linguagem das teorias culturalistas, é preciso procurar espaços para propagar a contra-hegemonia.

Com base nos resultados e discussões, podemos notar que houve uma contribuição desse trabalho para que ocorresse nos educandos uma mudança na sua visão de mundo, não só para com as pessoas com deficiência, mas à todas as formas de diferenças (individuais, culturais, sociais, éticas, etc.), como também para se acrescentar uma visão crítica sobre os meios de comunicação.

Podemos verificar que os resultados atingidos pelas práticas pedagógicas relatadas reforçam as ideias de Capellini e Rodrigues (2010b, p. 46), que são atribuições necessárias de uma escola inclusiva e de um professor comprometido com esse ideal:

É compromisso da escola inclusiva: Promover mudanças de atitudes discriminatórias – a escola deverá trabalhar com quebra de tabus, estigmas, desinformação, ignorância – que levam as pessoas a terem atitudes negativas em relação aos seus alunos com deficiência. É papel do professor: Valorizar as diferenças – ser diferente e único é uma característica de todo ser humano; Descobrir e valorizar as potencialidades – cada um tem capacidades próprias; devem ser descobertas, proclamadas, cultivadas e exploradas; [...]

Esperamos contribuir também para discussões sobre como o professor lida com as mídias e tecnologia para mudar sua realidade. O professor vem a ser uma peça fundamental para que os princípios de igualdade de oportunidades, tolerância, justiça, liberdade e confiança na comunidade passem da reflexão à ação, eliminando preconceitos e discriminações que tanto atrapalham a qualidade de vida em nossa sociedade. Para Bronfenbrenner (1996) com certeza a mudança de comportamento de um agente no ambiente pode gerar mudanças nos diferentes ambientes vivenciados pelos seres humanos e influenciar outros espaços vivenciados por estes.

5 Considerações finais

A partir do objetivo proposto podemos concluir que a vivência relatada nas aulas de Educação Física na Escola foi totalmente influenciada pela utilização das mídias. A partir de um tema gerador que foi a questão da inclusão social, possibilitou aos educandos tanto no ambiente escolar como fora dele: a pesquisa, o relato, a síntese e a vivência de uma prática corporal totalmente nova para os educandos. A busca em diferentes meios de comunicação trouxe interesse e conhecimento de atividades que estavam acontecendo no cotidiano do escolar. Isto aproximou a realidade da situação vivenciada na escola, uma aproximação importante para atingir objetivos na prática pedagógica.

O significado relatado e a consciência que foi despertada sobre a falta de oportunidades e pouca ênfase do esporte paralímpico nas mídias, sem dúvida, foi identificado como a barreira que necessita ser superada para vivermos numa sociedade mais inclusiva. É evidente que a mediação do professor nos diferentes momentos foi fundamental para que a atividade ocorresse com persistência temporal, envolvimento emocional dos escolares, facilitou a aprendizagem das variáveis envolvidas no tema gerador.

As adaptações realizadas nas atividades práticas, bem como o envolvimento dos escolares em todas as fases do processo pedagógico demonstraram claramente que é possível mudar a realidade através de ações planejadas, aplicadas e orientadas. Portanto, é possível gerar um pensamento crítico nos escolares desde que transformemos nossas práticas na escola e, a mídia parece ser uma ferramenta potencializadora e necessária na sociedade atual.

Referências

- AGUIAR, J.S.; DUARTE, E. Educação inclusiva: um estudo na área de educação física. *Revista Brasileira Educação Especial*, Marília, v.11, n.2, p. 223-240, 2005.
- BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1998. (Coleção Fazer/lazer).
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CAPELLINI, V.L.M. F; RODRIGUES, O.M.P.R. (Org.). *A construção do projeto político pedagógico de uma escola inclusiva*. Bauru: UNESP/FC/MEC, 2010a. (Formação de professores na perspectiva de educação inclusiva).
- CAPELLINI, V.L.M.F; RODRIGUES, O.M.P.R. (Org.). *Marcos históricos, conceituais, legais e éticos da educação inclusiva*. Bauru: UNESP/FC/MEC, 2010b. (Formação de professores na perspectiva de educação inclusiva).

- COSTA, A.D.L.; MEIRA, F.A. A importância de formar profissionais comprometidos com a acessibilidade e a inclusão Social. *Revista Eletrônica Extensão Cidadã*, v.7, 2009.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- GIGLIO, S.S. *Futebol: mitos, ídolos e heróis*. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- GORGATTI, M.G. *Educação física escolar e inclusão: uma análise a partir do desenvolvimento motor social dos adolescentes com deficiência visual e das atitudes dos professores*. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MARTINO, L. M. S. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MELLO, M.T.; WINCKLER, C. *Esporte paralímpico*. São Paulo: Atheneu, 2012.
- SCORALICK, K. Mídia, cidadania, informação e direito à comunicação: a identidade dos diferentes nos telejornais. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 14., Rio de Janeiro, 2009. *Anais...* Rio de Janeiro, 2009.
- TUBINO, M.J.G. *O que é esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ZABALZA, M.A. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Nota sobre os autores

Giseli Fregolente Patrinhani, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Unesp, Bauru. gifregolente@hotmail.com

Maria da Graça Mello Magnoni, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Unesp, Bauru. sofia@fc.unesp.br

Milton Vieira do Prado Junior, Faculdade de ciências, Unesp, Bauru. miltonjr@fc.unesp.br

Recebido em: 30/06/2017

Reformulado em: 28/10/2017

Aceito em: 30/10/2017